



O USO E APROPRIAÇÃO DA COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL PELOS JOVENS DO ASSENTAMENTO RURAL BARRA DO LEME

Maria Evilene de Sousa Abreu¹

Resumo

O artigo propõe-se a refletir sobre o uso e a apropriação da comunicação audiovisual pelos jovens do assentamento Barra do Leme, na região norte do Ceará. Busca-se compreender que práticas audiovisuais são possíveis de serem realizadas pelos jovens após participarem das oficinas de audiovisual ministradas pelo Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária. Ancorado nas discussões teóricas de Martín-Barbero, De Certeau e Thompson faz uma breve contextualização das questões da pesquisa de mestrado em desenvolvimento. A abordagem metodológica do estudo é teórica, inclui pesquisa de campo de caráter qualitativo e traz como estratégia de investigação a observação participante.

Palavras-chave: Apropriação. Comunicação Audiovisual. Juventude Rural. Oficinas. Usos.

Introdução

Desde 2001 os moradores do assentamento rural Barra do Leme, localizado no município de Pentecoste, região norte do Ceará, composto por uma população estimada em 300 pessoas, formaram o grupo Caricultura, que inicialmente tinha o objetivo de realizar brincadeiras de rodas com as crianças e adolescentes da comunidade. Atualmente, além das brincadeiras, o grupo desenvolve atividades artísticas como música, dança e teatro. Composto por cerca de trinta (30) pessoas, entre jovens, crianças e adultos, o teatro é a principal atividade do grupo.

A partir de 2010, três jovens do grupo Caricultura começaram a participar também do projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária², iniciativa desenvolvida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA/CE que se propõe a apoiar as atividades de cunho artístico-cultural desenvolvidas nos assentamentos rurais. Uma das ações do Arte e Cultura na

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: evilenesousa@hotmail.com

² Projeto pioneiro no Brasil, que surgiu em 2003, articula mais de 40 grupos de assentamentos de reforma agrária. Surgiu mediante a identificação de uma demanda nos assentamentos de reforma agrária no campo da arte e da cultura, haja vista a vasta produção existente nessas comunidades e que não dispunha de nenhum tipo de incentivo, seja do Estado ou da iniciativa privada. <http://arteculturana-reformaagraria.blogspot.com.br>

Reforma Agrária é a formação em audiovisual, realizada em parceria com a Academia de Ciências e Artes (Acartes³), ONG e Ponto de Cultura, que trabalha com juventude e audiovisual no Grande Pirambu⁴. A Acartes através do uso das técnicas audiovisuais tem possibilitado que jovens e adolescentes do Grande Pirambu construam outros olhares sobre suas vidas e seu entorno, se profissionalizem e ingressem no mercado de trabalho.

Alguns dos jovens chegam a trabalhar após a formação na própria instituição. Pedro é um exemplo, participou das formações da Acartes e foi um dos monitores dos jovens nas oficinas do Projeto Arte e Cultura.

Conheço a Acartes desde criança, sabia mais ou menos o trabalho do pessoal de lá. Então surgiu a oportunidade de fazer um curso de formação, eu me interessei e fiz juntamente com alguns amigos. Gostei muito e continuo lá até hoje como monitor. Através da Acartes eu conheci outras experiências, abri minha visão pra algumas coisas que não entendia. (Pedro⁵, transcrição da fala na III Roda de Conversa, em setembro de 2011)

O depoimento expressa relações constituídas pelo jovem após a formação em audiovisual e o gosto do mesmo em atuar na área. Além de ser monitor na Acartes, Pedro trabalha em uma Produtora em Fortaleza.

³ A Acartes é uma organização da sociedade civil, criada em 2002 no bairro Pirambu (periferia de Fortaleza), por remanescentes de antigos movimentos culturais do bairro, como o Movimento Cultural e Político do Pirambu (Mocupp), Centro de Ativação Cultural (CAC) e o Centro Popular de Cultura (CPC). A organização desenvolve um trabalho voltado para cultura, através da formação de jovens e adolescentes nas diversas linguagens artísticas como: cinema e vídeo, artes plásticas, teatro de palco e teatro de bonecos. Em 2004, a ONG foi selecionada pelo Ministério da Cultura, por meio da Secretaria de Programas e Projetos Culturais para ser um Ponto de Cultura, aumentando de 40 para 150 o número de jovens beneficiados. Em 2010, através de uma parceria, com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/CE) está realizando oficinas audiovisuais para jovens de 11 assentamentos rurais. <http://academiadecinema.blogspot.com.br/>

⁴ O Pirambu é uma comunidade urbana, localizada na zona oeste da cidade de Fortaleza – CE, distando aproximadamente 5 (cinco) quilômetros do centro da cidade, numa antiga área de marinha e de alguns proprietários de posse do Estado, hoje considerada de propriedade comunitária, segundo o decreto nº 1.058, de 25 de maio de 1962, que declara tais terras de utilidade pública para execução de plano habitacional, em favor de seus moradores. Possui enorme densidade demográfica, com população de aproximadamente 270 mil habitantes integrando o chamado “Grande Pirambu” composto pelos bairros Nossa Senhora das Graças, Cristo Redentor, Colônia, Tirol e Quatro Varas.

⁵ Fala do jovem Pedro (nome fictício) durante uma Roda de Conversa realizada pela Pesquisa In (ter) venções Audio-visuais das Juventudes, em Fortaleza. A pesquisa acontece em Fortaleza e Porto Alegre, simultaneamente, sendo amparada no Grupo de Pesquisa da Relação da Infância, Juventude e Mídia (GRIM), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na Universidade Federal do Ceará (UFC), em parceria com o Grupo de Pesquisa Educare: Micropolíticas Juvenis, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A pesquisa tem a participação de organizações e coletivos de jovens de Fortaleza e Porto Alegre. <http://pesquisaintervencoes.blogspot.com.br/>

Com o acesso dos jovens do assentamento as oficinas de audiovisuais ainda não se sabe quais as apropriações que serão feitas desta ferramenta. Inicialmente, os jovens do assentamento participaram de oficinas sobre direção de câmera e roteiro, com o intuito de escreverem um roteiro e planejarem a produção de um vídeo sobre a cultura e as vivências do assentamento. Em seguida, eles retornaram ao assentamento, onde começaram as gravações, acompanhados da equipe da Acartes. Por último, estudaram técnicas de edição de vídeo, com uso de softwares e contato com ilha de edição de imagens para que eles próprios realizassem a edição de seus vídeos.

Levando em consideração que os “usos” e mais precisamente as ações dos jovens do assentamento após a participação no projeto possibilitam “inventividades próprias” (Certeau, 1994, p. 93) perguntamo-nos, então, que usos e apropriações os jovens fazem das ferramentas audiovisuais e de que maneira estes jovens se organizam e produzem as imagens de si e da comunidade no cotidiano.

A contextualização sobre a participação dos jovens nas oficinas de audiovisual é discutida ao longo do artigo, que além da introdução apresenta mais três itens. No primeiro item o artigo faz uma abordagem do referencial teórico relativo aos usos e apropriação. O segundo item apresenta uma contextualização sobre a pesquisa e as relações entre comunicação audiovisual e juventude. No último item, são relatadas as considerações, com o intuito de desenvolver reflexões importantes para o enriquecimento da pesquisa em andamento.

Dos usos e apropriações

Os conceitos de usos e apropriações pensados a luz das questões abordadas por autores dos Estudos Culturais Latino-americanos, principalmente Martín-Barbero (2009), implica levar em consideração os lugares do qual parte as relações e de que maneira os sujeitos se relacionam com os meios de comunicação. Tais reflexões apontadas pelo autor foram expostas a partir da “teoria das mediações”, em que foi dada uma maior abrangência a comunicação, que incluiu os fatos da cultura e da política.

Para Martín-Barbero (2009, p. 28) “a comunicação se tornou uma questão de mediação mais que de meios, questões de cultura e, portanto, não só de conhecimento, mas de reconhecimento”. Este reconhecimento do outro lado dos sujeitos, ou seja, aquele que tem

acesso às mensagens surgiu a partir da observação de que nas entrelinhas dos meios de comunicação existem diversos conflitos que interferem na produção de sentidos.

Portanto, a compreensão nos dias atuais das apropriações dos sujeitos das mensagens está ligada a uma conjuntura econômica, política e social em que eles vivem. Thompson (1998) define “apropriação” como um extenso processo de conhecimento e autoconhecimento.

Apropriar-se de uma mensagem é apoderar-se de um conteúdo significativo e torná-lo próprio. É assimilar a mensagem e incorporá-la à própria vida – um processo que algumas vezes acontece sem muito esforço, e outras vezes requer deliberada aplicação. É adaptar a mensagem à nossa própria vida e aos contextos e circunstâncias em que a vivemos; contextos e circunstâncias que normalmente são bem diferentes daqueles em que a mensagem foi produzida. (THOMPSON, 1998, p. 45)

Nesse sentido, compreende-se que as apropriações que os jovens do assentamento fazem da comunicação audiovisual está para além do previsto durante as oficinas, pois eles podem ter percepções diferentes sobre o audiovisual, e podem fazer usos distintos, a partir do que lhe interessam para a sua vida.

Desta forma, a maneira como os jovens lidam com a comunicação audiovisual dentro do assentamento podem ser adaptadas às rotinas dos mesmos, de modo que durante a formação eles agem de uma maneira diferente da fase pós-formação, eles constroem outra relação, pois a apropriação das ferramentas audiovisuais é “um processo que pode se estender muito além do contexto inicial da atividade de recepção” (THOMPSON, 1998, p. 43).

Entretanto os usos que os jovens fazem do audiovisual podem divergir dos objetivos esperados pelo projeto. Silma Magalhães⁶ relata que o acesso possibilitado aos jovens às ferramentas de comunicação audiovisual “é mais um passo significativo no sentido de possibilitar aos jovens novas oportunidades de formação e de geração de renda, junto com o objetivo de contribuir na apropriação das novas mídias, não só como consumidores de conteúdo, mas como produtores de conteúdo sobre sua realidade, o seu universo”.

Todavia, é necessário refletir sobre o que Thompson (1998, p. 42) abordou sobre os sentidos que são dados pelos indivíduos a cada produto. No caso específico desta pesquisa, é

⁶ Coordenadora do Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária. Depoimento apresentado na matéria “Comunicação popular: Projeto incentiva formação de comunicadores em assentamentos rurais” do site: <http://josepimentel.com.br/comunica%C3%A7%C3%A3o-popular-projeto-incentiva-forma%C3%A7%C3%A3o-de-comunicadores-em-assentamentos-rurais>

importante salientar que os sentidos dados pelos jovens à comunicação audiovisual variam de acordo com a formação e as condições sociais de cada um, pois a mesma mensagem pode ser entendida de várias maneiras em diferentes contextos.

As primeiras idas ao campo apontam que o uso que os jovens fazem do audiovisual é para além das ações previstas durante a formação, e que as relações constituídas pelos jovens e moradores com o teatro trazem muitas inquietações sobre a possibilidade de aproximar as duas atividades – teatro e audiovisual. Ambas as atividades artísticas tem particularidades próprias, mas dentro do coletivo do assentamento essas formas começam a se mesclar.

Agente já trabalhava antes das oficinas de audiovisuais com o teatro, e tava pensando em construir uma peça sobre os elementos naturais e o homem, e ai nós pensamos em gravar esta peça para começarmos a ter uma noção. Também começamos a pensar em reunir outros jovens da comunidade e começar a fazer vídeos, e trabalhar o audiovisual junto com o teatro, mas ainda não temos câmara. (*Entrevista com Fábria realizada em agosto de 2013*)

O desejo de reunir em um único espaço as duas atividades apresenta o que poderíamos caracterizar de “efeitos imprevistos” na visão do De Certeau (1994, p. 93) que ao falar das maneiras de empregar as informações pelos sujeitos, enfatiza que os mesmos geram outra produção qualificada. Esta produção para o autor “é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente silenciosa e invisível” (ibidem, p. 39).

Desta maneira, os sujeitos embora não alterem o que está posto, criam para si um espaço de jogo, onde as ações funcionam de acordo com os registros próprios dos indivíduos. Assim, a percepção dos usos e apropriações exige contextualizar as vivências dos sujeitos e uma entrada em campo de imersão maior, que vai além da coleta de entrevistas ou trabalhos mais isolados de grupos focais. Nesse sentido, revelo que este está em campo nesta pesquisa ainda é para mim, um estilo em construção que está se estabelecendo a partir do trabalho de campo e dos sujeitos pesquisados.

O contexto e o espaço em que a Acartes realizava as oficinas de audiovisuais no Grande Pirambu é diferente da realidade do assentamento, o que implica que entre os jovens existam diferentes maneiras de usos e olhares sobre as práticas audiovisuais. Enquanto os jovens do Pirambu participaram das oficinas ministradas na sede da ONG, onde eram disponibilizados os equipamentos e dado todo o apoio pela diretoria, responsável pelas ações e captação dos recursos, os jovens do assentamento vivem outra realidade. Eles são

inicialmente apoiados pelo Arte e Cultura, mas em seguida são os próprios “multiplicadores” das práticas audiovisuais na comunidade, não tem uma coordenação responsável pela ação e não dispõem de equipamentos especializados.

Diante destas diferenças, acredita-se que os jovens que residem no Grande Pirambu e os dos assentamentos rurais veem de diferentes maneiras as ferramentas audiovisuais, portanto, fazem usos distintos, a partir do que lhe interessam para a sua vida. O fato das formações realizadas com os jovens dos assentamentos agregarem participantes de realidades diversas, mas todos com vivência no meio rural contribuiu para que durante as oficinas do Arte e Cultura fossem construídas diversas formas de socialidade “geradas na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.17).

A convivência entre os jovens, coordenadores do projeto e facilitadores em um mesmo espaço possibilitou além da sociabilidade, diversas mediações que interferiram na produção de sentido. Nas atividades do Arte e Cultura é visto em diversos momentos das oficinas que os processos de sociabilidade corroboram com as vivências dos jovens. Durante as oficinas, os jovens ficaram uma semana no espaço de formação, distante de seus familiares, convivendo apenas com outros jovens, facilitadores e coordenadores do projeto, criam rotinas que passam a ser mediadora também na formação dos sujeitos.

A fala⁷ de Fábria⁸ apresenta aspectos de alguns “usos” que os jovens fizeram e outros que desejam desenvolver no assentamento. O desejo de ampliar as práticas audiovisuais do grupo é enfatizado também quando Fábria relata o quanto é importante produzir o documentário sobre a história do assentamento, em que além de participar da equipe de produção foi uma das jovens que deu o depoimento. “Não existe o lado bom, saber mexer na câmera é muito bom, porque é uma oportunidade da gente apresentar o que aprendeu, mas falar sobre a história do assentamento é muito importante”.

O que Fábria enfatiza sobre sua participação nas produções audiovisuais traz a posição de autoria vivenciada, desde sua própria atuação no manuseio da câmera à fala no documentário sobre a história do assentamento. Em ambos os relatos é apresentado um pouco

⁷ Nesse estudo foram escolhidos nomes fictícios para os jovens entrevistados.

⁸ Uma das jovens do assentamento Barra do Leme que participou das oficinas de audiovisuais, e há dez anos participa do grupo de teatro.

da interatividade vivida entre o grupo e pistas que apontam que muitos “imprevistos” vão surgir nesta relação dos jovens com o audiovisual.

Comunicação Audiovisual

Inúmeras formas de produção audiovisual surgiram no Brasil nos últimos anos, desde as práticas sócio-comunicativas de grupos alternativos a produção independente. O aumento das produções audiovisuais, bem como, o acesso da juventude a linguagem audiovisual deve-se muito aos projetos socioculturais de associações comunitárias e organizações não governamentais, crescente número de cursos de cinema e audiovisual nas universidades e também aos próprios movimentos sociais populares que desde a década de 1980 começaram a se apropriar da comunicação audiovisual para registrar e difundir suas ideias, ações e lutas.

A crença na revolução social por meio da comunicação ou da educação popular através do uso do vídeo deu lugar, nos últimos anos, a uma crescente e presente utilização desse instrumento como meio de expressão de realizadores pertencentes a diferentes grupos sociais. (SANTORO, 2010, p.49)

Embora desde a década de 1980 o uso do audiovisual tenha sido utilizado pelos movimentos sociais populares, as organizações não governamentais e os coletivos autônomos, foi a partir dos anos 2000 com o acesso maior aos equipamentos (que evoluíram e tiveram uma redução dos custos financeiros), e com a criação de diversas leis de incentivo à produção audiovisual que houve um crescimento do setor no país. Estas ações contribuíram para tornar cada vez mais frequente o uso do audiovisual pelos diversos sujeitos.

A iniciativa do projeto Vídeo nas Aldeias⁹, que surgiu na década de 1980 é um exemplo de experiência que apresenta esta perspectiva. Iniciado pelo antropólogo e documentarista Vincent Carelli, o projeto levou até os indígenas os equipamentos audiovisuais e filmou o registro de seus costumes e histórias. O ato de filmá-los e possibilitar que eles se vissem na tela gerou uma mobilização coletiva e atualmente os próprios indígenas

⁹ Criado em 1986, Vídeo nas Aldeias (VNA) é um projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil. O objetivo do projeto foi, desde o início, apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de uma produção compartilhada com os povos indígenas com os quais o VNA trabalha. O VNA surgiu dentro das atividades da ONG Centro de Trabalho Indigenista, como um experimento realizado por Vincent Carelli entre os índios Nambiquara. O ato de filmá-los e deixá-los assistir o material filmado foi gerando uma mobilização coletiva. Diante do potencial que o instrumento apresentava, a experiência foi levada a outros grupos, e gerando uma série de vídeo sobre como cada povo incorporava o vídeo. <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/index.php>

também usam a comunicação audiovisual como ferramenta de mobilização e registro das suas histórias, costumes e lutas.

As produções audiovisuais indígenas realizadas pelo Vídeo nas Aldeias trazem muitas singularidades e modos de fazer bastante peculiar a estes realizadores.

Embora faltem pesquisas sobre a história da comunicação indígena que possam nos fornecer maiores detalhes – e precisão sobre essas apropriações –, podemos afirmar que desde a introdução da escrita, com a gramaticalização das línguas indígenas, à disseminação do rádio, do vídeo e de modalidades multimídias surgidas com a internet, os povos indígenas passaram a utilizar essas mídias de forma difusa e descontínua. (PEREIRA, 2007, p. 62)

As produções audiovisuais dos indígenas trazem diversas representações dos sujeitos e de suas comunidades, assim como as produções audiovisuais dos jovens que participam dos projetos das organizações não governamentais, dos movimentos sociais populares e de diversos coletivos autônomos. Eles produzem outra visibilidade e representação diferente da apresentada pela mídia e buscam através da comunicação audiovisual narrar sua história.

Os indígenas e os jovens ao se apropriarem da comunicação audiovisual fazem usos bem distintos, e buscam representar com suas próprias linguagens e visões os seus modos de vida, fugindo dos estereótipos reproduzidos pela mídia. A possibilidade destes sujeitos apresentarem suas próprias vivências constrói outra visibilidade e também novas relações entre eles. O fato de o produto audiovisual ser uma obra de múltiplas colaborações também contribui para a construção de “um processo singular de criação e de comunicação e em um potente meio de transmissão de ideias e valores”. (MARTINEZ, 2005, p.21).

Assim, a realização de práticas audiovisuais por coletivos têm se fortalecido bastante, ao mesmo tempo em que aparecem como uma maneira de intervir e participar nos espaços onde residem. Dados da pesquisa “Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas” (Ibase/Polis, 2006, p.81) apresentam que os jovens têm um desejo de participação sempre latente, e que independente da maneira de como participam eles buscam uma participação mais direcionada para questões mais pontuais e de busca de sentido da ação juvenil.

Nesse caso, ressaltamos que as formas de participação dos jovens na maioria das vezes estão muito atreladas hoje às atividades artísticas. No assentamento Barra do Leme percebe-se que o grupo de teatro Caricultura é um dos principais espaços de participação da juventude.

As discussões sobre a participação dos jovens sempre estiveram muito ligadas à atuação dos mesmos como “militante”. Segundo Sales (2003), era bastante forte a participação dos jovens nos assentamentos rurais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na década de 1990, nos eventos do movimento, no plano estadual, regional e nacional, chegando à linha de frente do Movimento ser composta em sua maioria por jovens.

Como aponta a autora, em sua tese intitulada “*Criações coletivas da juventude no campo político: Um olhar sobre os assentamentos rurais do MST*”, embora nesta mesma década tenha surgido à criação do Setor de Juventude e Cultura do MST que associava além de discussões sobre juventude, agregava questões relacionadas à cultura, ainda se tinha uma visão do jovem dentro dos assentamentos como o revolucionário, com capacidade para operar rupturas e confrontações.

Porém, essa visão e forma de participação têm apresentado muitas mudanças. Nos últimos anos, a temática juventude dentro do Movimento tem possibilitado outras questões, pois as novas gerações não se identificam como os “revolucionários”. Feitosa apresenta que:

Se até bem pouco tempo os jovens não faziam parte das preocupações do MST, esse fato tem mudado nos últimos anos. A juventude Sem Terra tem ocupado cada vez mais espaço nas discussões e pautas do movimento, especialmente no que diz respeito à educação formal. No que se refere a aspectos mais localizados, de âmbito familiar, a emergência de uma faixa de população jovem têm levado para os lares de assentamentos discussões referentes à escolha profissional, sexualidade e, culturas urbana e rural (FEITOSA, 2007, p. 14)

Essas novas preocupações perpassam também as discussões dentro do assentamento Barra do Leme e a própria ação do projeto Arte e Cultura que traz como perspectiva o acesso à cultura, a comunicação audiovisual, a formação e a profissionalização destes jovens.

Considerações

Discutir e refletir com os jovens do assentamento a maneira mais adequada de fazer usos das ferramentas audiovisuais, priorizando sempre os desejos, particularidades e os processos do grupo são umas das proposições sugeridas. O diálogo entre os jovens que participaram das oficinas de audiovisuais com os demais jovens do assentamento e participantes do Caricultura apresenta-se como um caminho favorável para que o audiovisual se torne uma prática comunicativa do grupo. Nesta fase inicial da pesquisa percebe-se que o

principal desafio dos jovens é o acesso a equipamentos, porém, acredita-se que com os equipamentos disponíveis e apoio do grupo é possível realizar diversas práticas audiovisuais, pois dispõem de uma filmadora básica, computadores e o desejo de fazer vídeos na comunidade.

Compreende também que as práticas audiovisuais dos jovens serão possivelmente mais bem sucedidas quando envolver outros jovens do assentamento e a comunidade em geral. A tarefa de trabalhar com o grupo local de jovens, vai além da apresentação das ferramentas audiovisuais e sugestão de usos. Isso porque a ideia é discutir com o grupo como eles desejam utilizar a comunicação audiovisual. Existem muitas possibilidades, desde o uso para registro histórico, mobilização e articulação, entre outros que dependem muito das ideias de cada um.

Entretanto, é importante destacar que este artigo ainda apresenta uma visão incipiente das questões dos usos e apropriações das ferramentas de comunicação audiovisual pelos jovens do assentamento. Porém, iniciou as discussões sobre a temática juventude rural, que ainda é pouca explorada no âmbito acadêmico, e a partir de novas imersões em campo ao longo da pesquisa trará contribuir para os estudos sobre juventude, colocando em evidência, as relações constituídas entre os jovens e os demais sujeitos do Assentamento, e, entre as políticas públicas voltadas para juventude, haja vista que o contato dos jovens com a comunicação audiovisual é intermediado pela realização do Arte e Cultura na Reforma Agrária.

Referências

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ. Vozes, 1994.

FEITOSA, Sara Alves. **Televisão e juventude sem terra**: Mediações e modos de subjetivação. Dissertação da pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

IBASE/POLIS. **Relatório global juventude brasileira e democracia**: participação, esferas e políticas públicas. Janeiro 2006. Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/1426/1426.pdf>

MARTÍN – BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora URFJ. 6. Ed. 2009.

MARTINEZ, André. **Democracia Audiovisual**: uma proposta de articulação regional para o desenvolvimento. São Paulo: Escrituras, Instituto Pensarte, 2005.

PEREIRA, Eliete da Silva. **Mídias Nativas**: a comunicação audiovisual indígena - o caso do projeto Vídeo Nas Aldeias. Artigo publicado em Ciberlenga, p. 61- 72.

SANTORO, Luiz Fernando. **Vídeo e movimentos sociais – 25 anos depois**. In: LEONEL, Juliana. MENDONÇA, Ricardo Fabrino. (Org.) Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos e produtos. Juliana, Mendonça, organizadores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SALES, Celecina De Maria Veras. **Criações coletivas da juventude no campo político**: Um olhar sobre os assentamentos rurais do MST. Tese de pós-graduação em Educação na UFC, 2003.

THOMPSON, J. B. Comunicação e contexto social: In: _____. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 19-46.